Confissão Escocesa

O prefácio

A Confissão de Fé professada e crida pelos protestantes dentro do Reino da Escócia, publicada por eles no Parlamento e pelos Estados dele ratificada e aprovada como doutrina sã e saudável, fundada na verdade infalível da Palavra de Deus.

MT. 24. E estas alegres novas do Reino serão pregadas por todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim.

Os Estados da Escócia, com os habitantes do mesmo reino que professam o santo Evangelho de Cristo Jesus, a seus compatriotas naturais e a todos os demais reinos e nações que professam com eles o mesmo Senhor Jesus, desejam graça, misericórdia e paz da parte de Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, com o Espírito de reto juízo, por saudação.

Há muito temos tido sede (amados irmãos) de dar a conhecer ao mundo a suma da doutrina que professamos, e pela qual sofremos infâmia e perigo. Mas tal tem sido a fúria de Satanás contra nós, e contra a eterna verdade de Cristo Jesus, agora recentemente nascida de novo entre nós, que até este dia não nos foi concedido tempo para desafogar as nossas consciências, como de muito bom grado o teríamos feito: porque a maior parte da Europa (segundo supomos) sabe como temos sido sacudidos durante todo o ano passado. Mas, visto que pela infinita bondade do nosso Deus (que nunca permite que os seus aflitos sejam totalmente confundidos) obtivemos, acima do que esperávamos, algum repouso e liberdade, não pudemos deixar de publicar esta breve e simples Confissão da doutrina que nos é proposta, e que cremos e professamos; em parte para satisfação dos nossos irmãos, cujos corações, não duvidamos, foram, e ainda estão, feridos pelas injúrias rancorosas daqueles que ainda não aprenderam a falar bem; e em parte para tapar a boca de blasfemadores impudentes, que ousadamente condenam aquilo que nem ouviram nem entenderam. Não que julguemos que a malícia gangrenada de tais pessoas possa ser curada por esta simples Confissão; não, sabemos que o suave aroma do Evangelho é, e será, morte para os filhos da perdição. Mas temos principal consideração pelos nossos irmãos fracos e enfermos, aos quais queremos comunicar o fundo dos nossos corações, para que não sejam perturbados nem arrastados pela diversidade de rumores que Satanás espalha contra nós, para frustrar esta nossa piedosíssima empresa; protestando que, se alguém notar nesta nossa Confissão algum artigo ou sentença contrária à santa Palavra de Deus, lhe apraza, por sua benignidade e por amor da caridade cristã, admoestar-nos disso por escrito; e nós, pela nossa honra e fidelidade, lhe prometemos satisfação pela boca de Deus (isto é, pelas suas

Santas Escrituras), ou então a correção daquilo que ele provar estar errado. Porque tomamos a Deus por testemunha nas nossas consciências de que de coração aborrecemos todas as seitas de heresia e todos os mestres de doutrina errônea; e de que com toda a humildade abraçamos a pureza do Evangelho de Cristo, que é o único alimento das nossas almas, e por isso nos é tão precioso que estamos determinados a sofrer o extremo do perigo mundano antes que consentir que sejamos defraudados dele. Porque disto estamos certissimamente persuadidos: que todo aquele que negar a Cristo Jesus, ou se envergonhar dele diante dos homens, será negado diante do Pai e diante dos seus santos anjos. E por isso, com a assistência do poderoso Espírito do mesmo nosso Senhor Jesus, propomo-nos firmemente permanecer até o fim na confissão desta nossa fé, conforme os artigos que se seguem.

I - De Deus

Confessamos e reconhecemos um só Deus, *Dt. 6.4. 1 Co. 8.6. Is. 44.4, 5. 1 Tm. 1.17. 1 Rs. 8.17. 2 Cr. 8 18. Sl. 139.7, 8. Gn. 17.1. 1 Tm. 6.15, 16 Êx. 3.14, 15. Mt. 28.19. 1 Jo. 5.7. Gn. 1.1 . Hb. 11.3. At. 17.28. Pv. 16.4.* ao qual somente devemos apegar-nos, ao qual somente devemos servir, ao qual somente devemos adorar, e no qual somente devemos pôr a nossa confiança; o qual é eterno, infinito, imenso, incompreensível, onipotente, invisível, um em substância e, contudo, distinto em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo; pelo qual confessamos e cremos que todas as coisas no céu e na terra, tanto visíveis como invisíveis, foram criadas, são conservadas no seu ser e são regidas e guiadas pela sua inescrutável providência, para aquele fim que a sua eterna sabedoria, bondade e justiça lhes designou, para a manifestação da sua própria glória.

II - Da criação do homem

Confessamos e reconhecemos que este nosso Deus criou o homem (a saber, *Gn. 1.26, 27.* nosso primeiro pai Adão), do qual Deus formou também a mulher, etc. *Cl. 3.10.* à sua própria imagem e semelhança; ao qual deu sabedoria, domínio, justiça, livre-arbítrio e claro conhecimento de si mesmo; de modo que em toda a natureza do homem não se podia notar imperfeição alguma. Dessa honra e perfeição caíram tanto o homem como a mulher: a mulher, *Ef. 4 24 Gn. 3.6. Gn. 2.17.* enganada pela serpente; e o homem, obedecendo à voz da mulher; ambos conspirando contra a soberana majestade de Deus, que em palavras expressas os havia antes ameaçado de morte, se presumissem comer da árvore proibida.

III - Do pecado original

Por essa transgressão, comumente chamada pecado original, a imagem de Deus foi totalmente desfigurada no homem, *Sl. 51.5. Rm. 5 10. Rm. 7.5. 2 Tm. 2.26. Ef. 2.2, 3. Rm. 5.14, 12. Rm. 6.23. Jo. 3 5. Rm. 5.1. Fp. 1.29.* e ele e a sua posteridade tornaram-se por natureza inimigos de Deus, escravos de Satanás e servos do pecado; de tal maneira

que a morte eterna teve, e terá, poder e domínio sobre todos os que não foram, não são ou não forem regenerados do alto; regeneração essa que é operada pelo poder do Espírito Santo, que opera nos corações dos eleitos de Deus uma fé segura nas promessas de Deus a nós reveladas na sua Palavra; fé pela qual eles apreendem a Cristo Jesus, com as graças e benefícios nele prometidos.

IV - Da revelação das promessas

Porque isto cremos constantemente: que Deus, depois da temível e horrível defecção do homem da sua obediência, *Gn. 3.15. Gn. 3.9. Gn. 12 3. Gn. 15 5, 6. 2 Sm. 7.14. Is. 7.14 Is. 9 6 Ag. 2.6 Jo. 8.56.* buscou de novo a Adão, chamou-o, repreendeu o seu pecado, convenceu-o dele e, por fim, fez-lhe uma promessa cheia de alegria, a saber: que a semente da mulher esmagaria a cabeça da serpente, isto é, que destruiria as obras do diabo. Promessa essa que, assim como foi repetida e tornada mais clara de tempos em tempos, assim também foi abraçada com alegria e mui constantemente retida por todos os fiéis, de Adão a Noé, de Noé a Abraão e de Abraão a Davi, e assim por diante até a encarnação de Jesus Cristo; os quais todos (queremos dizer os pais fiéis) sob a Lei viram os dias alegres de Cristo Jesus e se regozijaram.

V - A continuação, o crescimento e a preservação da sua Igreja

Ez. 6.5, 6.7, 8, 9, etc. Cremos mui constantemente que Deus preserva, instrui, multiplica, honra, adorna e da morte chamou à vida a sua Igreja em todas as épocas, *Gn. 12.1. Gn. 13.1. Êx. 1.1 Êx. 1.20. Js. 1.3. e 23 4 1 Sm. 10.1. 1 Sm. 16 13 2 Sm. 7 12 2 Rs. 17.15, 16,* etc. desde Adão até a vinda de CRISTO JESUS na carne. Porque a Abraão chamou da terra de seu pai, a ele instruiu, a sua descendência multiplicou, a mesma maravilhosamente preservou, e mais maravilhosamente livrou da servidão e tirania de Faraó; a eles deu as suas leis, constituições e cerimônias. A eles deu a posse da terra de Canaã; a eles, depois dos juízes e depois de Saul, deu Davi por rei, ao qual fez a promessa de que do fruto dos seus lombos um se assentaria para sempre sobre o seu trono real. A este mesmo povo enviou de tempos em tempos profetas, para reconduzi-lo ao reto caminho do seu Deus, do qual muitas vezes se desviava pela idolatria. E ainda que, pelo seu obstinado desprezo da justiça, ele se visse obrigado a entregá-los nas mãos dos seus inimigos, *2 Rs. 24. 3, 4,* etc. como antes havia ameaçado pela boca de Moisés, de tal modo que a santa cidade foi destruída, *Dt. 28.36, 38,* etc. o templo queimado a fogo, *2 Rs. 25.1. Dn. 9 2. Ed. 1,* etc. *Ag. 1 14. Zc. 3.1.* e toda a terra deixada desolada pelo espaço de setenta anos, contudo, por misericórdia, os reconduziu outra vez a Jerusalém, onde a cidade e o templo foram reedificados; e eles, contra todas as tentações e assaltos de Satanás, permaneceram até que veio o Messias, segundo a promessa.

VI - Da encarnação de Cristo Jesus

Quando veio a plenitude dos tempos, *Gl. 4 4. Lc. 1.31. Mt. 1.18. Mt. 2.1. Rm. 1.3. Mt. 1.23.* Jo. 1.2.45. *1 Tm. 2 5.* Deus enviou o seu Filho, a sua eterna Sabedoria, a substância da sua própria glória, a este mundo, o qual tomou a natureza humana da substância de uma mulher, a saber, de uma virgem, e isso pela operação do Espírito Santo; e assim nasceu a justa semente de Davi, o Anjo do grande conselho de Deus, o verdadeiro Messias prometido, a quem reconhecemos e confessamos Emanuel, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, duas naturezas perfeitas unidas e juntas numa só pessoa. Por esta nossa Confissão condenamos as condenáveis e pestilentas heresias de Ário, Marcião, Êutiques, Nestório e outros semelhantes, que ou negam a eternidade da sua divindade, ou a verdade da sua natureza humana, ou as confundem, ou ainda as dividem.

VII - Por que convinha que o Mediador fosse verdadeiro Deus e verdadeiro homem

Reconhecemos e confessamos *Ef. 1.3.4, 15, 6.* que esta mui admirável conjunção entre a divindade e a humanidade de Cristo Jesus procedeu do eterno e imutável decreto de Deus, do qual também brota e depende a nossa salvação.

VIII - Da eleição

Porque aquele mesmo eterno Deus e Pai, *Ef. 1.11. Mt. 25 34. Ef. 1 21, 22. Hb. 2.7, 8. Sl. 22.11. Hb. 13.20. 1 Pe. 2.24.* e 5. que por mera graça nos elegeu em Cristo Jesus, seu Filho, antes que fosse lançado o fundamento do mundo, designou-o para ser a nossa Cabeça, o nosso Irmão, o nosso Pastor e o grande Bispo das nossas almas. Mas, porque a inimizade entre a justiça de Deus e os nossos pecados era tal que nenhuma carne, por si mesma, podia ou poderia ter chegado a Deus, convinha que o Filho de Deus descesse até nós *Sl. 130.3. Sl. 143.3. 1 Tm. 2.5.* e tomasse para si um corpo do nosso corpo, carne da nossa carne e ossos dos nossos ossos, e assim se tornasse o perfeito Mediador entre Deus e o homem, dando poder a todos quantos nele creem de serem filhos de Deus, *Jo. 1.12. Jo. 20.17.* como ele mesmo testifica: Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus. Por esta santíssima fraternidade, tudo o que perdemos em Adão nos é restituído. E por esta causa não temos medo algum de chamar a Deus nosso Pai, não tanto por nos ter criado (o que temos em comum com os réprobos), como por nos ter dado o seu único Filho para ser nosso Irmão, *Rm. 5.17, 18.19.* e por nos ter dado graça para o reconhecer e abraçar como nosso único Mediador, como acima se disse. Convinha, além disso, que o Messias e Redentor fosse verdadeiro Deus e verdadeiro homem, *Rm. 8.15. Gl. 4.6. At. 17.26. Hb. 2.11, 12. 1 Pe. 3 18. Is. 53.8. At. 2.4. 1 Jo. 1 2.* porque havia de sofrer o castigo devido pelas nossas transgressões e apresentar-se na presença do juízo de seu Pai, como em nossa pessoa, para sofrer pela nossa transgressão e desobediência, e pela morte vencer aquele que era o autor da morte. Mas, porque a divindade sozinha não podia sofrer a morte, nem a humanidade sozinha a podia vencer, ele juntou ambas numa só pessoa, *At. 20 28. 1 Tm. 3.16. Jo. 3.16.* para que a fraqueza de uma sofresse e estivesse sujeita à morte (que

nós havíamos merecido), e o poder infinito e invencível da outra, a saber, da divindade, triunfasse e nos adquirisse vida, liberdade e vitória perpétua. E assim o confessamos, e mui indubitavelmente o cremos.

IX - A morte, a paixão, a sepultura etc. de Cristo

Hb. 10.1, 12. Is. 53.5. Hb. 1 2.3. Jo. 1.29. Mt. 26.11. Dt. 21.23. Mc. 15.1, 2. Gl. 3.13. Lc. 23.1, 2 . Mt. 26.38. 2 Co. 5. Hb. 9 12. Hb. 10.5. Que nosso Senhor Jesus se ofereceu a si mesmo como sacrifício voluntário a seu Pai por nós; que sofreu a contradição dos pecadores; que foi ferido e castigado pelas nossas transgressões; que, sendo o Cordeiro limpo e inocente de DEUS, foi condenado na presença de um juiz terreno, para que nós fôssemos absolvidos diante do tribunal do nosso Deus; que sofreu não somente a cruel morte da cruz (que era maldita pela sentença de Deus), mas também que sofreu por algum tempo a ira de seu Pai, que os pecadores haviam merecido. Mas, ainda assim, afirmamos que ele permaneceu o único amado e bendito Filho de seu Pai, mesmo no meio da sua angústia e tormento, que sofreu no corpo e na alma, para fazer plena satisfação pelos pecados do seu povo. Depois disso, confessamos e afirmamos que não resta nenhum outro sacrifício pelos pecados; e, se alguns afirmam que resta, não duvidamos em afirmar que são blasfemos contra a morte de Cristo e contra a eterna purificação e satisfação por ela para nós adquirida.

X - A ressurreição

Cremos indubitavelmente que, visto ser impossível que as dores da morte retivessem em servidão o Autor da vida, *At. 2.23. At. 3.26. Rm. 6.5, 11. At. 2.24 Rm. 4 25. Hb. 2.14, 15. Mt. 28 Jo. 20.27* e 21.7. nosso Senhor Jesus, crucificado, morto e sepultado, que desceu ao inferno, ressuscitou para a nossa justificação e, destruindo aquele que era o autor da morte, trouxe de novo a vida a nós, que estávamos sujeitos à morte e à servidão dela. Sabemos que a sua ressurreição foi confirmada pelo testemunho dos seus próprios inimigos, e pela ressurreição dos mortos, *Lc. 24.41, 42, 43.* cujos sepulcros se abriram, e eles ressurgiram e apareceram a muitos dentro da cidade de Jerusalém. Foi também confirmada pelo testemunho dos anjos e pelos sentidos e juízos dos seus apóstolos e de outros, que conviveram com ele e comeram e beberam com ele depois da sua ressurreição. *Jo. 21.12, 13.*

XI - A ascensão

Não duvidamos de modo algum *Lc. 24.51. At. 1.9. Mt. 28.6. Mt. 16.9. Lc. 24 6. Jo. 20.9. Mt. 28 18. 1 Jo. 2.1. 1 Tm. 2.5. Sl. 110 1. Mt. 22 44. Mt. 12 36. Lc. 20.42.43 At. 1.1. At. 3.19. 1 Ts. 1.4, 5, 6, 7, 8.* de que o mesmíssimo corpo que nasceu da Virgem, foi crucificado, morto e sepultado, e que ressuscitou, subiu aos céus para o cumprimento de todas as coisas; onde, em nosso nome e para nosso conforto, recebeu todo o poder no céu e na terra; onde está sentado à direita do Pai, entronizado no seu Reino, Advogado e único

Mediador por nós; glória, honra e prerrogativa essas que só ele, entre os irmãos, possuirá, até que todos os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés, como indubitavelmente cremos que o serão no juízo final; para a execução do qual cremos com certeza que o mesmo nosso Senhor Jesus voltará visível e manifestamente, assim como foi visto subir. E então cremos firmemente que virá o tempo do refrigério e da restauração de todas as coisas, *Mt. 25.34. Ap. 21.27. Is. 66.24 Mt. 25.41. Mc. 9.44, 46, 48* de tal modo que aqueles que desde o princípio sofreram violência, injúria e agravo por causa da justiça herdarão a bem-aventurada imortalidade prometida desde o princípio. Mas, ao contrário, os obstinados, cruéis, desobedientes, opressores, imundos, adúlteros e toda sorte de homens infiéis serão lançados no calabouço das trevas exteriores, *Mt. 22.13. 2 Pe. 3 11. 2 Co. 5.11. Lc. 21.28. Jo. 15.4,* etc. *Is. 7.14. Ef. 1.22. Cl. 1.18. Hb. 9.11, 15. Hb. 10.21. 1 Jo. 2.1. 1 Tm. 2.5.* onde o seu verme não morrerá, nem o seu fogo se apagará. A lembrança desse dia, e do juízo que nele se há de executar, não é somente para nós um freio, pelo qual as nossas concupiscências carnais são refreadas, mas também um consolo tão inestimável que nem as ameaças dos príncipes do mundo, nem o temor da morte temporal e do perigo presente nos podem mover a renunciar e abandonar aquela bendita sociedade que nós, os membros, temos com a nossa Cabeça e único Mediador, Cristo Jesus; a quem confessamos e afirmamos ser o Messias prometido, a única Cabeça da Igreja, o nosso justo Legislador, o nosso único Sumo Sacerdote, Advogado e Mediador. Em cujas honras e ofícios, se algum homem ou anjo presumir intrometer-se, nós os detestamos e aborrecemos totalmente, como blasfemos contra o nosso soberano e supremo Governador, Cristo Jesus.

XII - A fé no Espírito Santo

Esta nossa fé, *Mt. 16.17. Jo. 14 26. Jo. 14.11. At. 5.4. Jo. 16.13. Cl. 2.13. Ef. 2.1. Jo. 9.39. Ap. 3.13.* e a certeza dela, não procede da carne e do sangue, isto é, de nenhuma faculdade natural que haja em nós, mas é inspiração do Espírito Santo, a quem confessamos Deus igual ao Pai e ao Filho, o qual nos santifica e nos conduz a toda a verdade pela sua própria operação, sem o qual permaneceríamos para sempre inimigos de Deus e ignorantes de seu Filho Cristo Jesus. Porque por natureza somos tão mortos, tão perversos e cegos, que nem podemos sentir quando somos aguilhoados, nem ver a luz quando ela resplandece, nem consentir na vontade de Deus quando ela é revelada, a não ser que o Espírito do Senhor Jesus vivifique o que está morto, *Mt. 17.17. Mt. 9.19 . Lc. 9 41. Jo. 6 63. Mq. 7.8. 1 Rs. 8.8. Sl. 100.3. Rm. 5.10. Jo. 3.5. Tt. 3.5. Rm. 5 8. Fp. 3.9. Fp. 1.6. 2 Co. 3.5. Ef. 1 6.* remova as trevas das nossas mentes e dobre os nossos corações obstinados à obediência da sua bendita vontade. E assim, como confessamos que Deus Pai nos criou quando não existíamos, e que seu Filho, nosso Senhor Jesus, nos redimiu quando éramos seus inimigos, assim também confessamos que o Espírito Santo nos santifica e regenera, sem consideração alguma de qualquer mérito procedente de nós, seja antes, seja depois da nossa regeneração. Para dizer esta mesma coisa em palavras ainda mais claras: assim como de bom grado nos despojamos de toda a honra e glória da nossa própria criação e redenção, assim o fazemos também da nossa regeneração e santificação; porque de nós mesmos não somos capazes de pensar um só bom pensamento, mas aquele que começou a boa

obra em nós é o único que nela nos conserva, para louvor e glória da sua graça imerecida.

XIII - A causa das boas obras

Ef. 2.10. Fp. 2.13. Jo. 15.5. Rm. 8.9. De modo que confessamos que a causa das boas obras não é o livre-arbítrio, mas o Espírito do Senhor Jesus, que, habitando nos nossos corações pela verdadeira fé, produz as boas obras que Deus preparou para que andássemos nelas. Porque isto afirmamos com toda a ousadia: que é blasfêmia dizer que Cristo Jesus habita no coração daqueles em quem não há espírito de santificação. E por isso não temos medo de afirmar que os homicidas, opressores, cruéis perseguidores, adúlteros, fornicadores, imundos, idólatras, bêbados, ladrões e todos os que praticam a iniquidade não têm fé verdadeira, nem parte alguma do Espírito de santificação, que procede do Senhor Jesus, enquanto obstinadamente continuam na sua maldade. Porque, tão logo o Espírito do Senhor Jesus (que os filhos eleitos de Deus recebem pela verdadeira fé) toma posse do coração de algum homem, *Rm. 7.15, 16, 17.* tão logo regenera e renova esse mesmo homem, de modo que ele começa a odiar o que antes amava e começa a amar o que antes odiava; *Gl. 5.17.* e daí vem aquela contínua batalha que há entre a carne e o Espírito nos filhos de Deus, enquanto a carne e o homem natural (segundo a sua própria corrupção) cobiça as coisas agradáveis e deleitosas para si, murmura na adversidade, ensoberbece-se na prosperidade e a todo momento está inclinado e pronto a ofender a majestade de Deus; *Rm. 8 16. Rm. 7.24. Rm. 8 22. Ef. 4.17, 18, 19.* mas o Espírito de Deus, que dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus, faz-nos resistir ao diabo, aborrecer os prazeres imundos, gemer na presença de Deus pela libertação desta servidão da corrupção e, por fim, triunfar sobre o pecado, para que ele não reine nos nossos corpos mortais. Esta batalha não a têm os homens carnais, *2 Tm. 2.26.* que, estando destituídos do Espírito de Deus, seguem e obedecem ao pecado com avidez e sem arrependimento, conforme o diabo e as suas concupiscências corruptas os instigam. Mas os filhos de Deus (como antes se disse) lutam contra o pecado, soluçam e choram quando se sentem tentados à iniquidade e, se caem, levantam-se de novo com sério e não fingido arrependimento; e estas coisas não as fazem pelo seu próprio poder, mas o poder do nosso Senhor Jesus (sem o qual nada poderiam fazer) opera neles tudo o que é bom. *Jo. 15 5.*

XIV - Que obras são tidas por boas diante de Deus

Confessamos e reconhecemos *Êx. 20.3,* etc. *Dt. 4.7,* etc. que Deus deu ao homem a sua santa Lei, na qual não somente são proibidas todas as obras que desagradam e ofendem a sua divina Majestade, mas também são ordenadas todas as que lhe agradam e que ele prometeu recompensar. E estas obras são de duas sortes: umas são feitas para honra de Deus; as outras, para proveito do nosso próximo; *Lc. 1.75. Mq. 6.7.* e ambas têm a vontade revelada de Deus por sua garantia. Ter um só Deus, adorá-lo e honrá-lo, invocá-lo em todas as nossas aflições, reverenciar o seu santo nome,

ouvir a sua Palavra, crer nela, participar dos seus santos sacramentos, são as obras da primeira tábua. *Ef. 6.17. Ez. 22.1,* etc. *1 Co. 6.19, 20 1 Ts. 4.4, 5, 6 Jr. 22.3 9 9,* etc. Honrar pai e mãe, príncipes, governantes e poderes superiores; amá-los, sustentá-los, sim, obedecer às suas ordens (não contrárias ao mandamento de Deus); salvar a vida dos inocentes, reprimir a tirania, defender os oprimidos, conservar os nossos corpos limpos e santos, *Is. 50.1,* etc. *1 Ts. 4 6. Rm. 13.2. Ez. 22.13. 1 Jo. 3 4.* viver em sobriedade e temperança, tratar com justiça todos os homens, tanto em palavra como em obra; e, por fim, reprimir o desejo de causar dano ao nosso próximo, são as boas obras da segunda tábua, que são mui agradáveis e aceitáveis a Deus, visto que essas obras são ordenadas por ele mesmo. O contrário disso é pecado odiosíssimo, que sempre lhe desagrada e o provoca à ira; como: não invocar somente a ele quando temos necessidade; não ouvir a sua Palavra com reverência; desprezá-la e menosprezá-la; ter ídolos ou adorá-los; manter e defender a idolatria; ter em pouca estima o reverendo nome de Deus; profanar, abusar ou desprezar os sacramentos de Cristo Jesus; *Rm. 14.23.* desobedecer ou resistir a qualquer um que Deus tenha posto em autoridade (enquanto não ultrapassarem os limites do seu ofício); matar, ou consentir nisso; *Hb. 11.6.* ter ódio, ou permitir que se derrame sangue inocente, *1 Sm. 15.22.* se o pudermos impedir; e, por fim, a transgressão de qualquer outro mandamento da primeira ou da segunda tábua, confessamos e afirmamos ser pecado, *1 Co. 10.31.* pelo qual se acende o ardente desagrado de Deus contra o mundo soberbo e ingrato. *1 Jo. 3.4.* De modo que afirmamos que as boas obras são somente aquelas que são feitas na fé e por mandamento de Deus, o qual na sua Lei expressou quais são as coisas que lhe agradam; *Is. 29.13.* e afirmamos que as más obras são não somente aquelas que são feitas expressamente contra o mandamento de Deus, *Mt. 15.9.* mas também aquelas que, em matéria de religião e de culto a Deus, não têm outra garantia senão a invenção e a opinião do homem, *Mc. 7.7.* as quais Deus desde o princípio sempre rejeitou, como somos ensinados pelo profeta Isaías e pelo nosso Mestre Cristo Jesus nestas palavras: Em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens.

XV - A perfeição da Lei e a imperfeição do homem

Lv. 18.5. Gl. 3.12. 1 Tm. 1.8. Rm. 7.12. Sl. 19.7, 8, 9. Dt. 5.29. Rm. 10.3. 1 Rs. 8.46. 2 Cr. 6.36. Ec. 7.22. Pv. 20.9. 1 Jo. 1.8. Jo. 1.18. Rm. 10.4. Gl. 3 13. Dt. 27.26. Fp. 2.15. Is. 64.6. Lc. 17.10 . Confessamos e reconhecemos que a Lei de Deus é justíssima, equitativíssima, santíssima e perfeitíssima, ordenando aquelas coisas que, sendo feitas com perfeição, poderiam dar a vida e conduzir o homem à felicidade eterna. Mas a nossa natureza é tão corrupta, tão fraca e imperfeita, que nunca somos capazes de cumprir com perfeição as obras da Lei; sim, se dissermos que não temos pecado (mesmo depois de regenerados), enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade de Deus não está em nós. E por isso nos convém apreender a Cristo Jesus com a sua justiça e satisfação, o qual é o fim e o cumprimento da Lei para todos os que creem, por quem somos postos nesta liberdade: que a maldição e a execração de Deus não caiam sobre nós, ainda que não a cumpramos em todos os pontos. Porque Deus Pai, contemplando-nos no corpo de seu Filho Cristo Jesus, aceita a nossa obediência imperfeita como se fosse perfeita, e cobre as nossas obras, que estão contaminadas com muitas manchas, com a justiça de

seu Filho. Não queremos dizer que somos postos em tal liberdade que não devamos obediência alguma à Lei (pois isso já antes claramente confessamos), mas isto afirmamos: que nenhum homem na terra (exceto somente Cristo Jesus) prestou, presta ou prestará em obra aquela obediência à Lei que a Lei requer. Mas, quando tivermos feito todas as coisas, devemos prostrar-nos e confessar sem fingimento que somos servos inúteis. E por isso todos os que se gloriam dos méritos das suas próprias obras, ou põem a sua confiança nas obras de supererrogação, gloriam-se daquilo que não existe e põem a sua confiança numa idolatria condenável.

XVI - Da Igreja

Assim como cremos em um só Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, assim também cremos mui firmemente *Mt. 28.20.* que desde o princípio houve, agora há, *Ef. 1.4. Cl. 1.18.* e até o fim do mundo haverá uma Igreja, isto é, uma companhia e multidão de homens escolhidos por Deus, que retamente o adoram e abraçam pela verdadeira fé em Cristo Jesus, *Ef. 5.23, 24, 25, 26.* o qual é a única Cabeça da mesma Igreja, que também é o corpo e a esposa de Cristo Jesus; Igreja essa que é católica, isto é, universal, porque contém os eleitos de todas as épocas, de todos os reinos, nações e línguas, sejam eles dos judeus, sejam dos gentios, que têm comunhão ou sociedade com Deus Pai e com seu Filho Cristo Jesus, *Ap. 7.8.* pela santificação do seu Santo Espírito; e por isso é chamada comunhão, não de pessoas profanas, mas dos santos, *Ef. 2.19.* os quais, como cidadãos da Jerusalém celestial, desfrutam dos mais inestimáveis benefícios, a saber: de um só Deus, um só Senhor Jesus, uma só fé e um só batismo; fora da qual Igreja não há nem vida nem felicidade eterna. E por isso aborrecemos totalmente a blasfêmia daqueles que afirmam que os homens que vivem segundo a equidade e a justiça serão salvos, qualquer que seja a religião que tenham professado. Porque, assim como sem Cristo Jesus não há nem vida nem salvação, assim também ninguém participará dela, senão aqueles que o Pai deu a seu Filho Cristo Jesus, e aqueles que a seu tempo vêm a ele, confessam a sua doutrina *Jo. 5.24. Jo. 17.6. 2 Tm. 2.19 Jo. 13.14. Ef. 1.10. Cl. 1.10. Hb. 12.4.* e creem nele (incluímos os filhos com os pais fiéis). Esta Igreja é invisível, conhecida somente de Deus, que só ele sabe a quem escolheu; e compreende tanto (como se disse) os eleitos que já partiram (comumente chamados a Igreja triunfante) como os que ainda vivem e lutam contra o pecado e Satanás, e os que viverão daqui em diante.

XVII - A imortalidade das almas

Os eleitos que partiram estão em paz *Ap. 14.13. Is. 25. 8. Ap. 7.16, 17. Ap. 21.4. Ap. 16.10, 11 Is. 66.24. Mc. 9.44, 46, 48.* e descansam dos seus trabalhos; não que durmam e caiam num certo esquecimento (como afirmam algumas cabeças fantasiosas), mas estão livres de todo temor, de todo tormento e de toda tentação, aos quais nós e todos os eleitos de Deus estamos sujeitos nesta vida, e por isso levamos o nome de Igreja militante. Assim como, ao contrário, os réprobos e infiéis que partiram têm angústia, *Lc. 23.43. Lc. 16.24, 25.* tormento e dor que não se podem exprimir; de modo que nem

uns nem outros estão num sono tal que não sintam gozo ou tormento, como claramente o testificam a parábola de Cristo Jesus no capítulo dezesseis de Lucas, as suas palavras ao ladrão *Ap. 6.9, 10.* e estas palavras das almas que clamam debaixo do altar: Ó Senhor, tu que és reto e justo, até quando não vingarás o nosso sangue sobre os que habitam sobre a terra?

XVIII - Das notas pelas quais a verdadeira Igreja se distingue da falsa, e de quem será juiz da doutrina

Porque Satanás, desde o princípio, tem trabalhado por adornar a sua pestilenta sinagoga com o título de Igreja de Deus, *Gn. 4.8. Gn. 21.9. Gn. 27.41. Mt. 23.34. Jo. 15.18, 19.* e tem inflamado os corações de cruéis homicidas para perseguir, perturbar e molestar a verdadeira Igreja e os seus membros, como Caim fez a Abel, Ismael a Isaque, Esaú a Jacó, e todo o sacerdócio dos judeus ao próprio Jesus Cristo *Jo. 11 35. Jo. 15.20, 24.* e aos seus apóstolos depois dele, é coisa sumamente necessária que a verdadeira Igreja seja discernida da imunda sinagoga por notas claras e perfeitas, *At. 4.1,* etc. *At. 5.17,* etc. *Gn. 4 1. Sl. 48.1, 2.* para que, sendo enganados, não recebamos e abracemos, para nossa própria condenação, uma pela outra. As notas, sinais e marcas seguras pelas quais a Esposa imaculada de Cristo Jesus se distingue da horrível meretriz, a igreja malignante, *Mt. 5.35. Jo. 12.42. Ef. 2.20. At. 2.42.* afirmamos que não são nem a antiguidade, nem o título usurpado, nem a descendência em linha direta, nem o lugar designado, nem a multidão de homens que aprovam algum erro. Porque Caim, em idade e título, foi preferido a Abel e Sete; Jerusalém tinha prerrogativa sobre todos os lugares da terra, *Jo. 10, 27.* onde também estavam os sacerdotes descendentes em linha direta de Arão; e maior multidão seguia os escribas, *Jo. 18.37.* fariseus e sacerdotes do que a que sem fingimento cria em Cristo Jesus e aprovava a sua doutrina; *1 Co. 1 13.* e, contudo (segundo supomos), nenhum homem de juízo são concederá que algum dos acima nomeados fosse a Igreja de Deus. As notas, portanto, da verdadeira Igreja de Deus cremos, confessamos e afirmamos que são: primeiro, a verdadeira pregação da Palavra de Deus, *1 Co. 11.20, 23.* na qual Deus se revelou a nós, como o declaram os escritos dos profetas e dos apóstolos; *Mt. 28 19 20 Mc. 16.15. Rm. 4 11. Mt. 18 20. 1 Co. 1.2. 2 Co. 1.1. Gl. 1 2. Ef. 1 1. At. 16.9, 10.18.* segundo, a reta administração dos sacramentos de Cristo Jesus, que devem estar unidos à palavra e promessa de Deus, para selá-la e confirmá-la nos nossos corações; por último, a disciplina eclesiástica retamente ministrada, como a Palavra de Deus prescreve, pela qual o vício é reprimido e a virtude nutrida. Onde quer, pois, que estas notas sejam vistas, e continuem por algum tempo (seja o número tão pequeno quanto for, acima de dois ou três), ali, sem dúvida alguma, está a verdadeira Igreja de Cristo, o qual, segundo a sua promessa, está no meio deles; *1 Co. 1.* etc. *At. 20.17,* etc. *Jo. 20.31. 2 Tm. 3 16 17 2 Pe. 1 20, 21.* não aquela universal (da qual antes falamos), mas particular, como era a de Corinto, Galácia, Éfeso e outros lugares nos quais o ministério foi plantado por Paulo, e que por ele mesmo foram chamadas Igrejas de Deus. E tais Igrejas nós, os habitantes do Reino da Escócia, que professamos a Cristo Jesus, confessamos ter nas nossas cidades, vilas e lugares reformados. Porque a doutrina ensinada nas nossas Igrejas está contida na Palavra escrita de Deus, a saber, nos livros do Novo e do Antigo Testamento; naqueles livros, queremos dizer, que desde a

antiguidade foram tidos por canônicos, nos quais afirmamos que todas as coisas necessárias de se crer para a salvação do gênero humano estão suficientemente expressas. *Jo. 5 29.* A interpretação dela, confessamos, não pertence a pessoa alguma, nem privada nem pública, nem ainda a Igreja alguma, por qualquer preeminência ou prerrogativa, pessoal ou local, que uma tenha sobre outra, mas pertence ao Espírito de Deus, *Ef. 4 4* pelo qual também a Escritura foi escrita. Quando, pois, surge controvérsia sobre o reto entendimento de alguma passagem ou sentença da Escritura, ou sobre a reforma de algum abuso dentro da Igreja de Deus, não devemos olhar tanto para o que os homens antes de nós disseram e fizeram, quanto para aquilo que o Espírito Santo uniformemente diz no corpo das Escrituras, e para aquilo que o próprio Cristo Jesus fez e mandou que se fizesse. Porque é coisa universalmente admitida que o Espírito de Deus, que é o Espírito de unidade, em nada é contrário a si mesmo. Se, pois, a interpretação, determinação ou sentença de algum doutor, Igreja ou concílio contradiz a clara Palavra de Deus escrita em qualquer outro lugar da Escritura, é coisa certíssima que ali não está o verdadeiro entendimento e sentido do Espírito Santo, ainda que concílios, reinos e nações a tenham aprovado e recebido. Porque não ousamos receber nem admitir interpretação alguma que se oponha a algum ponto principal da nossa fé, ou a qualquer outro texto claro da Escritura, ou ainda à regra da caridade.

XIX - A autoridade das Escrituras

Assim como cremos e confessamos que as Escrituras de Deus são suficientes para instruir e tornar perfeito o homem de Deus, *2 Tm. 3.16, 17* assim também afirmamos e declaramos que a autoridade delas procede de Deus e não depende nem de homens nem de anjos. Afirmamos, portanto, que aqueles que alegam que as Escrituras não têm outra autoridade senão a que recebem da Igreja são blasfemos contra Deus e injuriosos para com a verdadeira Igreja, que sempre ouve e obedece à voz do seu próprio Esposo e Pastor, *Jo. 10.27.* mas não se arroga ser senhora sobre ela.

XX - Dos concílios gerais, do seu poder, da sua autoridade e da causa da sua convocação

Assim como não condenamos temerariamente aquilo que homens piedosos, reunidos em concílios gerais legitimamente convocados, nos propuseram, *Gl. 2.11, 12, 13, 14.* assim também, sem justo exame, não ousamos receber tudo o que é imposto aos homens *1 Tm. 4.1, 2, 3. Cl. 2.18, 19, 20, 21, 22, 23.* sob o nome de concílios gerais; porque é evidente que, assim como eram homens, assim alguns deles erraram manifestamente, e isso em matérias de grande peso e importância. Na medida, pois, em que o concílio prova pela clara Palavra de Deus a determinação e o mandamento que dá, nessa medida o reverenciamos e abraçamos. Mas, se homens, sob o nome de concílio, pretendem forjar-nos novos artigos da nossa fé, ou fazer constituições contrárias à Palavra de Deus, *At. 15.1,* etc. então devemos rejeitá-los totalmente, como doutrina de demônios, que afasta as nossas almas da voz do nosso único Deus para

seguir as doutrinas e constituições dos homens. A causa, pois, por que se reuniram os concílios gerais *1 Tm. 3.15. Hb. 3.2. 1 Co. 14.40.* não foi fazer alguma lei perpétua (que Deus antes não tivesse feito), nem ainda forjar novos artigos da nossa fé, nem dar autoridade à Palavra de Deus, muito menos fazer que fosse sua Palavra, ou ainda a verdadeira interpretação dela, aquilo que antes não estava expresso pela sua santa vontade na sua Palavra. Mas a causa dos concílios (queremos dizer daqueles que mereceram o nome de concílios) foi em parte a refutação das heresias e dar confissão pública da sua fé às gerações seguintes; e ambas as coisas as fizeram pela autoridade da Palavra escrita de Deus, e não por alguma opinião ou prerrogativa de que não pudessem errar em razão da sua reunião geral. E esta julgamos ter sido a causa principal dos concílios gerais. A outra foi que se estabelecesse e observasse na Igreja um bom governo e ordem, na qual (como na casa de Deus) convém que todas as coisas se façam decentemente e com ordem. Não que pensemos que um só governo e uma só ordem nas cerimônias possam ser estabelecidos para todas as épocas, tempos e lugares; porque, assim como as cerimônias (tais como os homens as inventaram) são apenas temporais, assim podem e devem ser mudadas quando antes fomentam a superstição do que edificam a Igreja que as usa.

XXI - Dos sacramentos

Assim como os pais sob a Lei, *Gn. 17.10. Êx. 12.32. Gn. 17.4. Nm. 9.13.* além da realidade dos sacrifícios, tinham dois sacramentos principais, a saber, a circuncisão e a páscoa, e os que os desprezavam e menosprezavam não eram tidos por povo de Deus, assim também reconhecemos e confessamos que nós, agora no tempo do Evangelho, temos somente dois sacramentos principais, instituídos pelo Senhor Jesus e mandados usar por todos aqueles que querem ser tidos por membros do seu corpo, a saber, *Mt. 28.19. Mc. 16.17. Mt. 26.26. Mc. 14.22. Lc. 22.19. 1 Co. 11.24.* e 10.16. o batismo e a Ceia, ou Mesa do Senhor Jesus, chamada a comunhão do seu corpo e do seu sangue. E estes sacramentos (tanto os do Antigo como os do Novo Testamento) foram instituídos por Deus não somente para fazer uma diferença visível entre o seu povo e aqueles que estavam fora da sua aliança, mas também para exercitar a fé dos seus filhos e, pela participação dos mesmos sacramentos, selar nos seus corações a certeza da sua promessa e daquela bem-aventuradíssima conjunção, união e sociedade que os eleitos têm com a sua Cabeça, Cristo Jesus. E assim condenamos totalmente a vaidade daqueles que afirmam que os sacramentos não são outra coisa senão sinais nus e vazios. *Rm. 6.3, 4, 5. Gl. 3.27.* Não; cremos seguramente que pelo batismo somos enxertados em Jesus Cristo, para sermos feitos participantes da sua justiça, pela qual os nossos pecados são cobertos e perdoados. E também que, na Ceia retamente usada, Cristo Jesus se une de tal modo a nós que se torna o próprio sustento e alimento das nossas almas. Não que imaginemos alguma transubstanciação do pão no corpo natural de Cristo e do vinho no seu sangue natural (como os papistas perniciosamente ensinaram e condenavelmente creram); mas esta união e comunhão que temos com o corpo e o sangue de Cristo Jesus no reto uso dos sacramentos é operada pelo Espírito Santo, o qual pela verdadeira fé nos eleva acima de todas as coisas visíveis, *Mc. 16.19. Lc. 24.51. At. 1.11. At. 3.21. 1 Co. 10,* etc. carnais e terrenas, e nos faz alimentar-nos do corpo e do sangue de Cristo Jesus, que uma vez

foi partido e derramado por nós, que agora está no céu e comparece por nós na presença de seu Pai. E, não obstante a grande distância de lugar que há entre o seu corpo, agora glorificado no céu, e nós, agora mortais nesta terra, contudo cremos mui seguramente que o pão que partimos é a comunhão do corpo de Cristo, e o cálice que abençoamos é a comunhão do seu sangue. De modo que confessamos e indubitavelmente cremos que os fiéis, no reto uso da Mesa do Senhor, *Ef. 5.30. Mt. 27.50. Mc. 15.37. Lc. 23.46. Jo. 19.30.* e 6.51, 53, 54, 55, 56, 57, 58. de tal modo comem o corpo e bebem o sangue do Senhor Jesus que ele permanece neles e eles nele; sim, que são de tal modo feitos carne da sua carne e ossos dos seus ossos que, assim como a eterna divindade deu à carne de Cristo Jesus (que por sua própria condição e natureza era mortal e corruptível) vida e imortalidade, assim também a carne e o sangue de Cristo Jesus, comidos e bebidos por nós, nos dão as mesmas prerrogativas. As quais, ainda que confessemos que não nos são dadas somente naquele momento, nem somente pelo poder e virtude próprios dos sacramentos, contudo afirmamos que os fiéis, no reto uso da Mesa do Senhor, têm tal conjunção com Cristo Jesus que o homem natural não pode compreender; sim, e afirmamos além disso que, ainda que os fiéis, oprimidos pela negligência e pela fraqueza humana, não tirem tanto proveito quanto desejariam no próprio instante da ação da Ceia, contudo ela dará fruto depois, como semente viva lançada em boa terra; porque o Espírito Santo, que nunca pode ser separado da reta instituição do Senhor Jesus, não frustrará os fiéis do fruto daquela ação mística. Mas tudo isto, dizemos, vem pela verdadeira fé, que apreende a Cristo Jesus, o único que torna eficazes para nós os seus sacramentos; e por isso todo aquele que nos calunia, como se afirmássemos ou crêssemos que os sacramentos são somente sinais nus e vazios, faz-nos injúria e fala contra uma verdade manifesta. Mas isto devemos confessar livre e francamente: que fazemos distinção entre Cristo Jesus na sua substância eterna e os elementos nos sinais sacramentais. *1 Co. 11.28, 29.* De modo que nem adoraremos os sinais em lugar daquilo que por eles é significado, nem tampouco os desprezamos e os temos por inúteis e vãos, mas usamo-los com toda a reverência, examinando-nos diligentemente antes de o fazer, porque estamos certos, pela boca do Apóstolo, de que os que comem daquele pão e bebem daquele cálice indignamente são culpados do corpo e do sangue do Senhor Jesus.

XXII - Da reta administração dos sacramentos

Para que os sacramentos sejam retamente ministrados, julgamos necessárias duas coisas: uma, que sejam ministrados por ministros legítimos, os quais afirmamos serem somente aqueles que são designados para a pregação da Palavra, em cujas bocas Deus pôs alguma palavra de exortação, sendo eles homens legitimamente escolhidos para isso por alguma Igreja; a outra, que sejam ministrados nos elementos e da maneira que Deus designou. De outro modo, afirmamos que deixam de ser verdadeiros sacramentos de Cristo Jesus. E por isso é que fugimos da sociedade com a igreja papista na participação dos seus sacramentos: primeiro, porque os seus ministros não são ministros de Jesus Cristo (sim, *Mt. 26.26,* etc. *Mc. 14.22,* etc. *Lc. 22.19,* etc. *1 Co. 11.24.* o que é mais horrível, permitem que mulheres, às quais o Espírito Santo não permite ensinar na congregação, batizem); e, segundo, porque adulteraram de tal modo tanto um sacramento como o outro com as suas próprias invenções, que

nenhuma parte da ação de Cristo permanece na sua pureza original. Porque o óleo, o sal, a saliva e coisas semelhantes no batismo não são senão invenções dos homens; a adoração, a veneração, o levar o pão pelas ruas e vilas e o guardá-lo em caixas são profanação dos sacramentos de Cristo, e não uso deles. Porque Cristo Jesus disse: Tomai, comei etc. Fazei isto em memória de mim. Por estas palavras e mandato ele santificou o pão e o vinho para serem o sacramento do seu corpo e do seu sangue, a fim de que um fosse comido e de que todos bebessem do outro, e não para que fossem guardados para serem adorados e honrados como Deus, como até aqui fizeram os cegos papistas, que também cometeram sacrilégio, roubando ao povo uma parte do sacramento, a saber, o bendito cálice. Além disso, para que os sacramentos sejam retamente usados, requer-se que o fim e a causa pelos quais os sacramentos foram instituídos sejam entendidos e observados tanto pelo ministro como pelos que os recebem; porque, se a opinião é mudada no que recebe, cessa o reto uso; o que é evidentíssimo pela rejeição dos sacrifícios (como também se o mestre ensina falsa doutrina), os quais eram odiosos e abomináveis a Deus (ainda que fossem ordenanças suas), porque homens ímpios os usavam para outro fim que não aquele que Deus havia ordenado. O mesmo afirmamos dos sacramentos na igreja papista, na qual afirmamos que toda a ação do Senhor Jesus está adulterada, tanto na forma externa como no fim e na opinião. O que Cristo Jesus fez Nota e mandou fazer é evidente pelos três evangelistas que falam do sacramento, e por São Paulo; o que o sacerdote faz no seu altar não precisamos relatar. O fim e a causa da instituição de Cristo, e por que ela mesma deve ser usada, estão expressos nestas palavras: Fazei isto em memória de mim; *1 Co. 11.25, 26* todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciareis (isto é, exaltareis, pregareis, engrandecereis e louvareis) a morte do Senhor até que ele venha. Mas com que fim e com que opinião os sacerdotes dizem as suas missas, testemunhem-no as palavras dos seus próprios doutores e escritos, a saber: que eles são mediadores entre Cristo e a sua Igreja, *Hb. 9.27, 28* para oferecer a Deus Pai um sacrifício propiciatório pelos pecados dos vivos e dos mortos. Doutrina essa que, como blasfema contra Cristo Jesus e derrogatória da suficiência do seu único sacrifício, oferecido uma vez para purificação de todos os que hão de ser santificados, nós totalmente aborrecemos, detestamos e renunciamos.

XXIII - A quem pertencem os sacramentos

Cl. 2.11, 12 Confessamos e reconhecemos que o batismo pertence tanto às crianças dos fiéis como àqueles que são de idade e discernimento; *Rm. 4.11. Gn. 17.10. Mt. 28.19* . e assim condenamos o erro dos anabatistas, que negam que o batismo pertença às crianças antes que tenham fé e entendimento. Mas confessamos que a Ceia do Senhor pertence somente àqueles que são da família da fé e podem provar-se e examinar-se a si mesmos, tanto na sua fé como nos seus deveres para com o próximo. Aqueles que comem naquela santa mesa sem fé, *1 Co. 11.28, 29.* ou estando em dissensão e divisão com os seus irmãos, comem indignamente. E por isso é que, nas nossas Igrejas, os ministros fazem exame público e particular do conhecimento e da conduta daqueles que hão de ser admitidos à Mesa do Senhor Jesus.

XXIV - Do magistrado civil

Rm. 13.1. Tt. 3.1. 1 Pe. 2.13. Confessamos e reconhecemos que os impérios, reinos, domínios e cidades são distinguidos e ordenados por Deus; e que os poderes e autoridades neles (seja dos imperadores nos seus impérios, dos reis nos seus reinos, dos duques e príncipes nos seus domínios, ou de outros magistrados nas cidades livres) são santa ordenança de Deus, ordenada para manifestação da sua própria glória e para singular proveito e benefício do gênero humano. *Rm. 13.2.* De modo que, quem quer que procure abolir ou confundir todo o estado dos governos civis, agora há muito estabelecidos, afirmamos que tais homens não somente são inimigos do gênero humano, mas também lutam impiamente contra a vontade expressa de Deus. *Rm. 13.7.* Confessamos e reconhecemos, além disso, que as pessoas que estão postas em autoridade devem ser amadas, honradas, temidas e tidas na mais reverente estima, porque são lugar-tenentes de Deus, em cujo tribunal o próprio Deus se assenta e julga (sim, *1 Pe. 2.17. Sl. 82.1.* até os próprios juízes e príncipes), aos quais por Deus é dada a espada para louvor e defesa dos bons e para vingar e castigar todos os malfeitores manifestos. Aos reis, além disso, aos príncipes, governantes e magistrados, afirmamos que pertence, principal e primordialmente, a conservação e a purificação da religião; de modo que não somente são designados para o governo civil, mas também para a manutenção da verdadeira religião e para a supressão de toda idolatria e superstição, 1 Cr. 22, 23, 24, 25, 26. cap. 2 Cr. 29, 30, 31. cap. *2 Cr. 34*, e 35. cap. como se pode ver em Davi, Josafá, Ezequias, Josias e outros, altamente louvados pelo seu zelo nessa causa. E por isso confessamos e afirmamos que aqueles que resistem aos poderes supremos (enquanto fazem o que pertence ao seu cargo) resistem à ordenança de Deus e, por isso, não podem ser inocentes. E afirmamos ainda que todo aquele que lhes nega o seu auxílio, conselho e apoio, enquanto os príncipes e governantes se esforçam vigilantemente na execução do seu ofício, esse mesmo nega o seu auxílio, apoio e conselho a Deus, que pela presença do seu lugar-tenente os requer deles.

XXV - Os dons gratuitamente dados à Igreja

Ainda que a Palavra de Deus verdadeiramente pregada, os sacramentos retamente ministrados e a disciplina executada segundo a Palavra de Deus sejam os sinais certos e infalíveis da verdadeira Igreja, *Mt. 13.24, 25, 26,* etc. contudo não queremos dizer que cada pessoa particular unida a tal companhia seja membro eleito de Cristo Jesus; porque reconhecemos e confessamos que o joio, a cizânia e a palha podem ser semeados, crescer em grande abundância e jazer no meio do trigo, *Mt. 13 20, 21* isto é, que os réprobos podem estar unidos na sociedade dos eleitos e podem usar exteriormente com eles os benefícios da Palavra e dos sacramentos. *Rm. 10.9, 13.* Mas esses, sendo apenas professantes temporários, de boca mas não de coração, desviam-se e não perseveram até o fim. E por isso não têm fruto algum da morte, ressurreição e ascensão de Cristo. Mas aqueles que com coração não fingido creem, e com a boca ousadamente confessam o Senhor Jesus (como antes dissemos), receberão mui seguramente estes dons: *Rm. 7,* etc. *2 Co. 5.21.* primeiro, nesta vida, a remissão dos pecados, e isso somente pela fé no sangue de Cristo; de tal modo que, ainda que o

pecado permaneça e continuamente habite nestes corpos mortais, *Jo. 5.28, 29. Ap. 20.13.* Jó 19.25, 26, 27. contudo não nos é imputado, mas é perdoado e coberto com a justiça de Cristo. Segundo, no juízo geral será dada a cada homem e mulher a ressurreição da carne. Porque o mar entregará os seus mortos, e a terra aqueles que nela estão encerrados; sim, o Eterno, nosso Deus, estenderá a sua mão sobre o pó, *Mt. 25 31. Ap. 14.10.* e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e isso na substância da mesma carne que cada homem agora traz, para receber, segundo as suas obras, glória ou castigo. Porque os que agora se deleitam na vaidade, *Rm. 2.7, 8, 9, 10.* na crueldade, na imundícia, na superstição ou na idolatria serão condenados ao fogo inextinguível, *Fp. 3 21. 1 Co. 15.28.* no qual serão atormentados para sempre, tanto no corpo como na alma, que agora entregam ao serviço do diabo em toda abominação. Mas aqueles que perseveram em fazer o bem até o fim, confessando ousadamente o Senhor Jesus, cremos constantemente que receberão glória, honra e imortalidade, para reinar para sempre na vida eterna com Cristo Jesus, a cujo corpo glorificado todos os seus eleitos serão feitos semelhantes, quando ele aparecer outra vez para o juízo e entregar o Reino a Deus, seu Pai, que então será, e para sempre permanecerá, tudo em todas as coisas, Deus bendito para sempre; ao qual, com o Filho e com o Espírito Santo, seja toda a honra e glória, agora e para sempre. Amém.

Levanta-te, ó Senhor, e sejam confundidos os teus inimigos; fujam da tua presença os que aborrecem o teu santo nome. Dá aos teus servos força para anunciar a tua Palavra com ousadia, e que todas as nações alcancem o teu verdadeiro conhecimento.

© 2026 Westminster 1647 :: https://westminster1647.com/pt/correo